

NAS  
PEGADAS  
DO  
MESTRE



VINÍCIUS

NAS  
PEGADAS  
DO  
MESTRE

FOLHAS ESPARSAS DEDICADAS AOS QUE TÊM  
FOME E SEDE DE JUSTIÇA

\*\*\*

“Ninguém pode pôr outro  
fundamento além daquele que  
já está posto: Jesus Cristo.”

PAULO



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



# Sumário

<i>A título de prefácio</i> .....	11
Origem do Cristianismo .....	13
<i>Sursum corda</i> .....	17
A virtude .....	21
Seara espiritual .....	23
O pródigo e o egoísta .....	25
Por que será? .....	29
Pai nosso .....	31
O sonho de Lutero .....	35
O pesadelo de Loiola .....	37
Quem são meus irmãos? .....	39
Pecado sem perdão .....	43
Pai! perdoa-lhes... .....	45
A Samaritana .....	47
Os verdadeiros cristãos .....	49
O estribilho fatal .....	53
A força do direito .....	57
O leproso samaritano .....	59
O Filho do Homem .....	63

Três grandes símbolos .....	65
A verdade .....	67
A força positiva .....	69
Ser, e não parecer .....	71
Imperialismo e Cristianismo .....	73
A derrocada do Materialismo .....	75
A figueira estéril .....	79
Credo .....	83
Justiça e misericórdia .....	87
Equilíbrio e harmonia .....	89
Flagelos da Humanidade .....	93
O Céu de Jesus .....	95
Por que malsinar o mundo? .....	99
O semeador .....	103
O destino da Criação .....	105
A palavra da Vida .....	107
O Calvário e o Tabor .....	109
Valor imperecível .....	113
Eugenia e Religião .....	115
Os sinais dos tempos .....	117
Exaltados e humildes .....	119
<i>Nosce te ipsum</i> .....	121
Trigo e palha .....	123
Amor e paixão .....	125
O crime de Jesus .....	127
Querer é poder? .....	129

O verdadeiro holocausto .....	131
O lento suicídio .....	133
Pensamentos .....	135
Últimos que serão primeiros .....	137
Evolucionismo .....	141
Renovemos nossa mente .....	145
Vinde a mim .....	149
O problema da orfandade .....	153
As três cruzes .....	157
O Filho de Deus .....	159
O grão de trigo .....	161
Consolador .....	165
Reflexões .....	167
Quase irreduzível .....	169
As virtudes do Céu .....	171
Rezar e orar .....	173
Alfa e ômega .....	175
Patriotismo .....	177
Culto à virtude .....	179
Proêmio do Evangelho .....	183
Cristo na arte e no coração .....	185
Imagem viva de Jesus .....	189
Socialismo cristão .....	193
Crer ou não crer .....	197
Lázaro e o rico .....	201
Dignidade e orgulho .....	205

Tirai a pedra .....	209
O álcool .....	211
A atração da cruz .....	213
Mestre e Salvador .....	215
O pão da vida .....	219
A missão de Jesus .....	223
O verbo amar .....	227
A porta estreita .....	231
<i>Fiat lux</i> .....	233
A família de Jesus .....	237
Involução e evolução .....	241
Ressurreição .....	243
O júízo final .....	245
O sal da Terra .....	249
A Igreja viva .....	253
Provas externas e internas .....	255
Oração do Natal .....	259
A soberania do amor .....	261
O Cristo redivivo .....	263
Não temais .....	267
O óbolo da viúva .....	271
Democracia cristã .....	273
Suprema medida .....	275
A vida e a morte .....	277
Roma ou Jesus? .....	281
A transfiguração .....	283

O Dia dos Mortos .....	285
Sigamo-lo .....	289
A religião de Jesus .....	291
Julgamento macabro .....	293
O Anticristo .....	295
Alegria de viver .....	301
O crente .....	305
O ímpio .....	307
Quantidade e qualidade .....	309
Caráter .....	311
Jesus e a História .....	313
Mãe .....	315
O Verbo divino .....	317
As três afirmativas do Cristo .....	321
O sangue do Cristo .....	323
Marta e Maria .....	327
A Paixão do Cristo .....	331
Nem frio nem quente .....	333
O Belo .....	337
A justiça humana e a Justiça Divina .....	339
A música e o coração .....	345
A túnica inconsútil .....	347
Higiene da alma .....	349
Horrores da guerra .....	351
Com quem convivemos? .....	355
<i>Res, non verba</i> .....	359

Atitudes definidas .....	363
Gigantes e pigmeus .....	367
Comunismo cristão .....	371
A vida verdadeira .....	375
Amor e egoísmo .....	377
A maior das solidões .....	379
<i>Surge et ambula!</i> .....	381
Evolução .....	385
Salvar é educar .....	387
Fiel e infiel .....	389
O nosso Deus .....	391
Olhos bons e olhos maus .....	393
Ricos e pobres .....	397
O bom senso .....	399
Criaturas ou filhos de Deus? .....	403
A Lei e a Graça .....	405
A Letra e o Espírito .....	409
Cinzas .....	413

## *A título de prefácio*

*Se há obras que, de todo, dispensem qualquer prefácio, serão sem dúvida as que a pena constantemente inspirada de Vinícius produz. Assim pensamos, porque, para nós, não haverá, no seio da grande família espírita brasileira, entre os seus membros afeiçoados ao estudo da doutrina que professam, nenhum que já se não haja deleitado com as elucubrações desse operoso exegeta das letras evangélicas, e que, tendo-se enlevado em meditá-las, realçadas pela limpidez de comentários que lhes varam o âmago dos ensinamentos sublimes, não sinta o vivo desejo de experimentar novamente o gozo espiritual de uma leitura, em que se lhe depára como que encantador e progressivo desvendamento de mistérios, a transportar a alma para as célicas regiões do lídimo amor cristão.*

*Mas, se assim é, por que e para que as presentes linhas colocadas à guisa de prefácio neste volume, em que Vinícius empreende levar os seus irmãos da Terra a conhecer a ventura de andar nas pegadas do Mestre?*

*Para não perdermos o ensejo, que se nos oferecia com o ser o mesmo volume editado agora pela Federação, de apresentar ao fecundo escritor espírita que o elaborou um expressivo testemunho do nosso altíssimo apreço à sua colaboração, preciosa sempre, na explanação de todos os assuntos doutrinários. Para, principalmente, deixar assinalada*

*aqui a nossa admiração pela continuidade do seu esforço, sempre feliz, no evidenciar, interpretando à luz da Doutrina dos Espíritos os Evangelhos, trecho a trecho, que, antes e acima de tudo, o Espiritismo é como a própria Doutrina Cristã, na sua pureza divinal.*

*Escrevemo-las, também, a fim de dizer, com absoluta sinceridade, a todo aquele que se disponha a ler o volume colocado sob suas vistas, que dado lhe será, perlustrando-lhe as páginas, olvidar por inteiro as pequenezes sem conta do pequenino mundo que lhe serve de presídio temporário, deslumbrando pelo descobrimento gradual das veredas luminosas que as pegadas do Mestre balizaram, e por isso as únicas que, através da plena Espiritualidade, conduzem à bem-aventurança do seu Reino celestial.*

*E como, necessariamente, palmilhando-as, irá o leitor bondoso, cheio de gratidão, ao caminheiro esclarecido que lhe tomou a frente para lhas apontar, ditoso nos sentiremos se acontecer tenhamos sido quem o haja feito, por esta singelíssima apresentação, seguir-lhe os passos de pioneiro incansável e, assim, pleno de satisfação, a ambos saudamos em nome do Mestre divino.*

**G. R.**

# *Origem do Cristianismo*

Vendo Deus os homens se hostilizarem numa vida de egoísmo — uns amontoando haveres, outros sucumbindo rotos e famintos, uns governando como tiranos, outros obedecendo como escravos —, chamou Jesus, e disse-lhe: “Filho bem-amado; vai à Terra, e dize àquela gente que eles todos são irmãos, filhos meus, criados por mim, que tenho reservado a todos igual destino. Ensina-lhes que minha Lei é amor. Esforça-te por fazê-los compreender essa lei; exemplifica-a do melhor modo possível, ainda mesmo com sacrifício de tua parte. Quero, faço empenho que o egoísmo desmedido, que impera no coração do homem, seja substituído pelo amor. Sei que isto é difícil, que vai custar muito, mas não importa: minha vontade é essa. Tu serás a encarnação do meu verbo. Falarás aos homens, instruí-los-ás no conhecimento desta verdade. Eu serei contigo”.

Jesus, filho dileto e obediente, ouviu a palavra do Pai, saturou-se dela, e, compenetrado da missão que recebera, veio ao mundo.

Nasceu num estábulo, para mostrar em que desprezo tinha as estultas vaidades deste meio.

Cresceu, fez-se homem, e deu início ao cumprimento da ordem recebida. Começou a instruir a Humanidade. Pregava nas praças públicas, nas praias do mar, nas ruas,

onde quer que se reunisse o povo. Percorria cidades, vilas e aldeias, anunciando e exemplificando a lei do amor.

Dizia, dentre outras coisas: “Homens: vós sois irmãos; amai-vos mutuamente; pois em tal se resume a única e verdadeira religião. A vossa sociedade está dividida; há entre vós separações profundas. Uns dispõem do poder com tirania; outros se submetem como servos. O grande oprime o pequeno. O fraco é esmagado pelo forte. Para os ricos, todas as regalias, todos os privilégios; para os pobres, trabalhos e angústias. Tendes concentrado toda a vossa aspiração na posse da terra com seus bens. O egoísmo domina-vos. É necessário que vos reformeis. A existência, que ora fruís no mundo, passa como uma sombra, é apenas uma oportunidade que o Pai vos concede para conquistar-des o futuro brilhante que Ele vos reserva. Aspirai pois, de preferência, aos bens espirituais, que *o ladrão não rouba, e a traça não rói*. Tal é a vontade do Pai. Vós o adorais com os lábios, mas não o fazeis com o coração. Deus é espírito, e neste caráter deve ser compreendido. Ele não está encarcerado nos templos de pedra como supõem os judeus em Jerusalém, e os samaritanos em Garezim; mas, espírito que é, Ele se manifesta a todos que invocam seu nome com fé, permanecendo em seu mandamento. A estes, Deus procura para seus adoradores. Os ritos e cerimônias são coisas vãs, inventadas pelos homens”.

E enquanto assim ia falando, Jesus curava toda a sorte de enfermos que encontrava, inclusive leprosos, cegos de nascença e paralíticos. E tudo fazia por amor; não recebia nenhuma paga pelos benefícios que prodigamente distribuía.

O povo escutava-o com avidez, sorvendo a largos haustos as boas-novas que ele anunciava; pois, até então, jamais alguém pregara semelhante doutrina de amor e de igual-

dade. Grande era já o número dos que o seguiam e propagavam seus feitos.

O clero e as autoridades começaram a inquietar-se vendo na doutrina de Jesus um perigo para as instituições vigentes, e particularmente para os privilégios que desfrutavam os representantes do Estado e da Igreja.

Os dois poderes — o temporal e o espiritual — resolveram agir em defesa de seus mútuos interesses seriamente ameaçados. Trataram, desde logo, de prender Jesus. Antes, porém, de o fazer, prepararam o ânimo do povo, dizendo: “O Nazareno é um impostor, inimigo da Igreja e de César. Todos os prodígios que faz é por influência de Belzebu. É um blasfemo, um herege, que nem sequer guarda a tradição de nossos pais, legada por Moisés”.

Sugestionado o povo ignaro, restava consumir-se o delito. Prenderam o Enviado de Deus, e levaram-no ao Sinédrio.

Ali, os sacerdotes o interrogaram, e acerbamente o acusaram. Jesus calara. “É indispensável que morra”, concluíram por unanimidade. “Levemo-lo a Pilatos para que ele, na qualidade de representante de César, lavre a sentença.” E conduziram-no, sob chufas e apupadas, até o palácio do preposto de César. Pilatos recebeu a embaixada, e interpelou o pseudocriminoso. Achou-o inocente. Voltando-se então para os seus acusadores, disse: “Não vejo neste homem crime algum. Proponho que seja absolvido”.

— Nunca! — bradaram em coro os sacerdotes, os escribas e os fariseus. — Preferimos perdoar a Barrabás, o homicida. Quanto ao Nazareno, queremos que seja crucificado. É amotinador, é blasfemo, é endemoninhado, é louco; cura doentes de graça; nivela senhores e escravos, nobres e plebeus; diz que se deve renunciar às riquezas,

que todos os homens são filhos de Deus, e que a religião é amor.

— Mas eu não vejo nele crime algum — obtemperou o Procônsul romano.

— Se não crucificares o Nazareno — retrucou o povi-léu, instigado pelos sacerdotes —, não és amigo de César, pois só a ele temos como rei, e Jesus se diz rei. Lavra a sen-tença; do contrário apelamos para César.

Pilatos, acobardado pela ameaça, entregou Jesus para ser crucificado. E crucificaram-no, ladeado por ladrões.

Antes, porém, de Jesus exalar o derradeiro suspiro, vol-tou-se para umas mulheres piedosas, e alguns discípulos fiéis, que choravam ao pé da cruz, e disse:

— Não vos entristeçais; eu não vos deixarei órfãos, mas voltarei a vós. — E, levantando os olhos para o céu, acres-centou: — Pai, cumpri o teu mandato. Fui até o sacrifício. Traguei, até a última gota, o cálice da amargura. Os homens deste mundo são maus, contudo, eu imploro para eles o teu perdão, porque também são ignorantes: não sabem o que fazem. Julgam que podem contrariar os teus desígnios exe-cutando-me, a mim, que fui o intérprete de tua palavra. Eu sei que Tu farás prevalecer a tua soberana vontade. E conti-nuarei ao teu lado, agindo sob teu influxo, e, comigo, aque-les que Tu me deste.

“Assim, mais dia menos dia, a Luz vencerá as trevas, a liberdade se oporá à escravidão, a justiça destronará a tira-nia, e, ao reinado do egoísmo, sucederá o reinado do amor. Passarão o céu e a terra, mas a tua palavra não passará. Recebe, Pai, o meu espírito”.

# Sursum corda\*

*“Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus é tomado à força, e os violentos são os que o conquistam.”*

(MATEUS, 11:12.)

O Reino dos Céus é dos fortes. Os abúlicos, os pusilânimes e os covardes jamais o alcançarão. Sua posse depende de uma porfiada conquista. A obra da salvação é obra de educação. Educar é desenvolver os poderes latentes do espírito, dentre os quais sobressai a Vontade. É com o poder da Vontade que se alcança o Céu. “A Vontade”, disse um eminente educador, “é a força principal do caráter, é, numa palavra, o próprio homem.” Tomás de Aquino, interpelado por certa senhora de alta sociedade sobre o que se fazia preciso para ganhar o Céu, respondeu: “Querer”.

A maioria dos erros que cometemos são atos de fraqueza moral. Os vícios dominam-nos, a cólera arrebatam-nos, o ciúme consome-nos, a ambição perturba-nos, o orgulho cega-nos, o egoísmo envilece-nos. Dissimulamos a cada passo, abafando a verdade, preterindo a justiça, pactuando com a iniquidade. E tudo por quê? — por fraqueza.

---

\*Coração ao alto.

Uma vontade frouxa, deseducada, é a causa dos fracassos, dos desapontamentos, das quedas e das humilhações por que passamos na trajetória da existência. O Reino dos Céus há de ser tomado à força. É o único caso em que a violência se justifica. Sem energia de vontade não se doma a animalidade que nos degrada, não se sobe a simbólica escada de Jacó. Sem coragem moral não se abraça a verdade, nem se vive segundo a justiça.

O *Apocalipse* (3:15, 16 e 21), em sua linguagem parabólica, diz: “Não és frio, nem quente, oxalá fosses frio ou quente: És morno, por isso estou para te vomitar de minha boca. Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus”.

O *morno* é o fraco, é o tíbio, o indeciso, o medroso, que não sabe porfiar, que foge espavorido das lutas e das pelejas.

Jesus disse aos seus discípulos:

— Ide. Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos.

Ele queria, portanto, homens resolutos, dispostos a enfrentar obstáculos e a conjurar perigos. A ovelha no meio da alcatéia corre risco iminente. E o Mestre aponta e salienta esse perigo ordenando peremptoriamente: “Ide”. Referindo-se ao caminho da salvação, disse que esse caminho é estreito como estreita é a porta que lhe dá acesso. Para melhor elucidar o caso, acrescenta: “Quem quiser ser meu discípulo, renuncie a tudo, inclusive à própria vida, tome sua cruz e siga-me”. (*Mateus*, 16:24; *Marcos*, 8:34; *Lucas*, 9:23.)

Os dizeres acima não dão margem a mal-entendidos. Eles exprimem clara e positivamente que, para ser cristão, o homem precisa tornar-se forte, corajoso, intrépido. E o Mestre o exemplificou dando perfeito testemunho, na sua vida terrena, de integridade de caráter, de valor moral e de intrepidez.

Ninguém me convence de pecado. — Eu venci o mundo. — Seja o teu falar sim, sim; não, não. Não temais os ho-

mens. — Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito — são frases de um Espírito forte e valoroso. A expulsão dos vendilhões do templo, dadas as condições e o meio em que se operou, foi mais do que um ato de coragem moral, foi um cartel de desafio atirado pelo Mestre a uma horda de inimigos ferozes e poderosos.

O homem atual carece de valor moral.

O parasitismo crescente comprova tal asserção. Atravessamos uma época de crise de energia. Não de *energia elétrica*, como clama a imprensa de nossos dias, mas de energia moral, de coragem cívica, de inteireza de caráter. Semelhante crise é de consequências gravíssimas para a Humanidade. A crise de *energia elétrica* acarreta males relativos e sanáveis, enquanto a crise de energia moral, se não for conjurada, trará a dissolução social, determinará um verdadeiro cataclismo mundial.

Salvar é educar. O Reino dos Céus é conquista dos fortes. Eduquemos a vontade libertando nosso espírito da ignominiosa servidão, do negregado cativo do vício e das paixões.

Imaginar a salvação fora da autoeducação de nossas almas é utopia dogmática incompatível com a atualidade.

Salvemos o mundo, salvando-nos a nós mesmos.

*SURSUM CORDA!*



# *A virtude*

A virtude não é veste de gala para ser envergada em dias e horas solenes. Ela deve ser nosso traje habitual. A virtude precisa fazer parte de nossa vida, como alimento que ingerimos cotidianamente, como o ar que respiramos a todo instante.

A virtude não é para ostentação: é para uso comum. É falsa a virtude que aparece para os de fora, e não se verifica para os familiares. Quem não é virtuoso dentro do seu lar, não o será na vida pública, embora assim aparente. Ser delicado e afável na sociedade, deixando de manter esses predicados em família, não é ser virtuoso, mas hipócrita. A virtude não tem duas faces, uma interna, outra externa: ela é integral, é perfeita sob todos os aspectos e prismas. Não há virtude privada e virtude pública: a virtude é uma e a mesma, em toda parte.

O hábito da virtude, quando real, reflete-se em todos os nossos atos, do mais simples ao mais complexo, como o sangue que circula por todo corpo.

As conjunturas difíceis, as emergências perigosas não alteram a virtude quando ela já constitui nosso modo habitual de vida.

A virtude assume as modalidades necessárias para se opor a todos os males, sem prejuízo de sua integridade. Há

um matiz para resolver cada caso, para se opor a cada vício, para vencer cada paixão, para enfrentar cada incidente; mas sempre, no fundo, é a mesma virtude. Ela é como a luz, que, iluminando, resolve de vez todos os obstáculos e tropeços, franqueando-nos o caminho. O hábito da virtude é fruto de uma porfiada conquista. Possui-la é suave e doce. Praticá-la é fonte perene de infindos prazeres. A dificuldade não está no exercício da virtude, mas na oposição que lhe faz o vício, que com ela contrasta. É necessário destronar um elemento, para que o outro impere. O vício não cede o lugar sem luta. A virtude nos diz: eis-me aqui, recebei-me, dai-me guarida em vosso coração; mas lembrai-vos de que, entre mim e o vício, existe absoluta incompatibilidade. Não podeis servir a dois senhores.

A verdadeira religião é a da virtude. Fora da virtude não há salvação. “Vós sois o sal da Terra”, disse Jesus aos seus discípulos. (*Mateus*, 5:13.) Se ele hoje viesse ao mundo reunir seus escolhidos, não se valeria certamente das denominações e títulos dos vários credos religiosos para os distinguir; a virtude seria o sinal inconfundível por onde os descobriria, por mais dispersos e disfarçados que estivessem.

É pela virtude que as almas se irmanam entretecendo entre si liames indissolúveis. Os homens de virtude entendem-se num momento, ao passo que os séculos não são suficientes para firmar acordo entre aqueles que dela vivem divorciados.

Propaguemos a religião da virtude: só ela satisfaz o senso da vida, conduzindo o espírito à realização dos seus destinos.

# Seara espiritual

*“Dizeis vós que ainda há quatro meses para a ceifa? eu, porém, vos digo: Erguei os vossos olhos e contemplai esses campos, que já estão branquejando próximos da ceifa. E o que ceifa, recebe galardão, e ajunta fruto para a vida eterna, para que assim o que semeia, como o que sega, juntamente se regozijem. Pois nisto é verdadeiro o provérbio, que um é o que semeia e outro o que sega.”*

(João, 4:35 a 37.)

No campo espiritual a época da sementeira é, a seu turno, a época da sega. Semear e ceifar são tarefas que se realizam simultaneamente. Não há estações exclusivas para semear ou para ceifar. Em todas elas se espalham as sementes, e em todas elas se recolhem as messes. O que semeia num tempo recolhe as primícias de outros tempos. Na lavoura espiritual a solidariedade é lei inelutável. Não há obreiros cujo mister consista exclusivamente em semear ou em ceifar. O que semeia colhe, e o que colhe semeia. O que sega alegra-se na colheita cuja sementeira foi trabalho de outrem; por isso ele semeia também, a fim de que outros recolham o fruto dos labores. Trabalho e justiça, justiça e amor.

Os tempos são sempre chegados. A hora vem, e agora é. Só os ociosos aguardam épocas longínquas, que jamais chegam. Os laboriosos não perdem tempo: os campos branque-

jam para a colheita, as leiras esperam pela sementeira. Não existe pretérito, não existe futuro; existe o presente eterno convidando o Espírito ao trabalho. Todos são capazes, todos são aptos: é bastante querer. O chamado persiste, a seara é incomensurável.

A geração atual goza, em todo o sentido, de uma grande soma de benefícios, de comodidades e direitos que, em seu conjunto, representa o esforço, a luta e o sacrifício de gerações passadas. O presente é a consequência do pretérito, assim como o futuro será a resultante do presente. Em matéria de liberdade, fruímos hoje as conquistas dos mártires de outrora, que pela liberdade se sacrificaram. É certo que ainda perduram os vestígios da tirania e do despotismo de outras eras. Cumpre, portanto, trabalharmos por extingui-los totalmente, preparando para os vindouros um mundo melhor, onde a liberdade e a justiça sejam soberanas.

É ilícito receber e não dar. O egoísmo é contraproducente; quem ceifa contrai a obrigação de semear. Demais, para quem semeamos? Para quem será o mundo melhor, o mundo escoimado de iniquidades, de hipocrisias, de vícios e de crimes? Para quem estaremos preparando a *Nova Jerusalém*, a terra onde há de habitar a justiça? Tudo fazemos para nós mesmos; pois as gerações que se sucedem no cenário terreno somos nós próprios, são os nossos filhos, os nossos irmãos, os objetos do nosso amor. Nossa existência passa como sombra; “somos de ontem, e ignoramo-lo”!

Nada de egoísmo, pois; nada de ócios infundáveis. Obreiros da vinha do Senhor! mãos à obra; semeai e colhei, porque na seara espiritual todas as estações são próprias, todas as épocas são favoráveis, todos os tempos são bons, tanto para semear como para colher.

*A hora vem, e agora é.*

## *O pródigo e o egoísta*

O Pai, atendendo aos reclamos do filho mais moço, repartiu seus haveres entre ele e o seu irmão mais velho.

O Pródigo, logo após, esbanja a parte que lhe toca, numa vida dissoluta, passando da riqueza à miséria. Abatido e humilhado, o Pródigo reconhece-se o único culpado de sua imensa desventura. Arrependido, procura a casa paterna que outrora abandonara fascinado pelo arrebatamento de incontidas paixões. O Pai, ao vê-lo de volta, corre pressuroso ao seu encontro, abraça-o com grande júbilo, e recebe-o ruidosa e festivamente.

O Egoísta, que havia conservado intactos os bens recebidos, mostra-se magoado com a atitude generosa do Pai e, protestando, dirige-lhe a seguinte observação: “Eu permaneci sempre contigo, tenho intacta a herança que me coube; não obstante, jamais promoveste qualquer festividade em minha honra, enquanto esse teu filho, boêmio e dissipador, mereceu esplêndido banquete festejando seu regresso”. Retruca o Pai: “É certo que não dissipaste os bens herdados; mas, por isso, nada sofreste, ao passo que teu irmão suportou todos os reveses e torturas originários dos erros que cometeu. Hoje, sábio pela experiência adquirida; virtuoso, pelo sofrimento suportado; puro, graças ao batismo de fogo, que recebeu através do cadinho da dor;

regressa ele ao lar paterno, mansão de todos os filhos, qual perdido, então encontrado, qual morto, então redivivo. É um ato de justiça, portanto, a expansão de amor com que o acolhi”.

Os dois irmãos representam a Humanidade. O *Pródigo* é a fiel imagem dos pecadores cujas faltas transparecem, ressaltam logo à primeira vista. Semelhantes transviados deixam-se arrastar ao sabor das voluptuosidades, como barcos que vogam à mercê das ondas, sem leme e sem bússola. Sabem que são pecadores, estão cômnicos das imperfeições próprias e, comumente, ostentam para os que têm olhos de ver, de permeio com as graves falhas de seus caracteres, apreciáveis virtudes. E assim permanecem, até que o aguilhão da dor os desperte.

O filho mais velho, o *Egoísta*, é a perfeita encarnação dos pecadores que se julgam isentos de culpa, protótipos de virtudes, únicos herdeiros das bem-aventuranças eternas, pelo fato de se haverem abstinido do mal. São os orgulhosos, os exclusivistas, os sectários que se apartam dos demais para não se contaminarem, como faziam os fariseus. A soberba não lhes permite conceber a unidade do destino. O *Pródigo*, a seu ver, deve ser excluído do lar. Não veem ligação alguma de solidariedade entre os membros da família humana. Quando se referem ao *Pródigo*, dizem: “Esse teu filho”. (*Lucas*, 15:30.) Descreem da reabilitação dos culpados. Só podem ver a sociedade sob seus aspectos de camadas diversas, camadas inconfundíveis. Imaginam-se no alto, e os demais embaixo.

O mal do *Egoísta* é muito mais profundo, está muito mais radicado que o do *Pródigo*. Este tem qualidades ao lado dos defeitos. Aquele não tem vícios, mas igualmente não

tem virtudes. É o *Ladrão da cruz* e o *Moço de qualidade*: aquele penetra os arcanos celestiais, este fica excluído. O *Egoísta* não esbanja os dons: esconde-os, como o avarento esconde as moedas. Não mata, porém é incapaz de arriscar um fio de cabelo para salvar alguém. Não rouba, mas também não dá. Não jura falso, mas não se abalança ao mais ligeiro incômodo na defesa dum inocente. Seus atos e atitudes são invariavelmente negativos.

Tais pecadores acham-se, por isso, mais longe de Deus que os demais, apesar das aparências denunciarem o contrário. E a prova está em que as íntimas simpatias, de todos que leem a Parábola, se inclinam para o *Pródigo*, num movimento natural e espontâneo. É a escolha do coração; e o coração, muitas vezes, julga melhor que a razão.



## *Por que será?*

Por que será que o *Filho pródigo* é uma figura tão simpática apesar da sua vida pecaminosa, enquanto o irmão é quase repulsivo, a despeito da prudência com que sempre se houve no lar paterno, donde jamais se apartou? Onde o motivo dessa inclinação de todos os corações pelo dissipador da herança, pelo perdulário que desce pela encosta dos vícios até a mais negra miséria?

A razão é esta: O *Pródigo* pecou, sofreu, amou. A dor despertou-lhe os sentimentos, iluminou-lhe a consciência, converteu-o. A humildade, essa virtude que levanta os decaídos e engrandece os pequeninos, exaltou-o, apagando todas as máculas do seu espírito, então redimido. O bem sobrepuja o mal: uma só virtude destrói o efeito de muitos vícios. “A caridade”, diz Pedro, “cobre uma multidão de pecados.” (*I Pedro*, 4:8.)

Depois, nós, pecadores confessos, vemos, na vida do *Pródigo*, a nossa própria história.

Sua epopéia é a nossa esperança. Eis por que com ele tanto simpatizamos.

E por que nutrimos sentimentos opostos a respeito de seu irmão? Porque é a personificação do egoísmo. O egoísta insula-se de todos pela influência de seus próprios pensamentos. É orgulhoso, é sectário. Separa-se dos demais por-

que se julga perfeito. Jacta-se intimamente em não alimentar vícios, mas nenhuma virtude, além da abstenção do mal, nele se descobre. É um cristalizado: não suporta as consequências dos desvarios, mas não goza os prazeres da virtude. Sua conversão é mais difícil que a de qualquer outra espécie de pecadores. A presunção oblitera-lhe o entendimento, ofusca-lhe as ideias. Imaginando-se às portas do Céu, dista ainda dele um abismo.

Supõe-se um iluminado, e não passa de um cego. A propósito desse gênero de cegueira, disse o mesmo autor da parábola, em cuja trama figuram o *Pródigo* e o *Egoísta*: “Graças te dou, meu Pai, porque escondeste as tuas verdades dos grandes e prudentes, e as revelaste aos inscientes e pequeninos”.

Finalmente: nós nos inclinamos para o *Pródigo*, e desdenhamos o seu irmão, porque escrito está: Aquele que se exalta será humilhado, e aquele que se humilha será exaltado. Tal é a lei a que nosso coração espontaneamente obedece.

# *Pai nosso*

*“Portanto, disse Jesus, orai vós deste modo: Pai nosso que estais nos Céus.”*

(MATEUS, 6:9.)

Uma das originalidades do Cristianismo está na concepção de Deus como Pai. Nenhum outro, além de Jesus, apresentara a divindade sob aquele prisma. Este fato, à primeira vista banal, é, no entanto, da mais subida importância.

Graças a essa denominação dada a Deus pelo seu Messias, podemos saber hoje, com certeza, onde está o Cristianismo dentre os credos diversos, que se dizem portadores da genuína moral cristã.

O Paganismo, atribuindo aos seus deuses interferência direta em todos os acontecimentos que se davam na Terra, fazia deles os juízos mais temerários.

O Judaísmo via em Jeová o rei absolutista e cioso; o Senhor onipotente, cujo zelo inexcedível premiava ou punia, até a quinta geração; o chefe supremo e invisível, que, do Alto, comandava os exércitos de Israel, assegurando-lhes a vitória sobre seus inimigos.

Jesus mudou completamente esse falso conceito, apresentando Deus aos apóstolos como o Pai de todos os homens. Foi uma verdadeira revelação, dadas as ilações que daí decorrem.

Os reis regem vassallos; os senhores dominam escravos; os generais comandam soldados. Escravos, vassallos e soldados são indivíduos passivos, sem vontade própria, dos quais se exige obediência cega. Tal condição, gerando a subserviência e o servilismo, degrada e avilta os caracteres.

O Pai dirige e orienta os filhos, criados à sua imagem e semelhança, como seres livres, apelando para as suas faculdades espirituais.

Escravos, vassallos e soldados são explorados e escorchados pelos seus dominadores.

Os filhos são queridos pelos pais, que, à sua felicidade, tudo sacrificaram.

Para escravos, vassallos e soldados, não existe liberdade nem direitos: somente deveres. O melhor escravo é o mais servil; o melhor vassallo é o mais submisso; o melhor soldado é o mais passivo.

Aos filhos, o pai concede todos os direitos: o uso do seu nome, a herança dos seus bens.

O rei e o senhor têm seus favoritos aos quais concedem privilégios.

Para os pais não há filhos proscritos: amam a todos com igualdade. Ao enfermo da alma ou do corpo se voltam suas preferências, porque o coração lhes diz que é esse o mais dependente da sua misericórdia.

Escravos, soldados e vassallos são castigados severa e abruptamente quando se insurgem contra o despotismo, ou quando transgridem ordens recebidas. A punição lhes é infligida a fim de os acobardar, para que jamais se sublevem, ou deixem de obedecer.

O pai nunca pune os filhos que erram: corrige-os, perdoadando sempre. Do punir ao corrigir medeia um abismo. Quem pune humilha para submeter. Quem corrige aperfeiçoa para libertar.

Os reis e os senhores são temidos: só os pais são amados.

Escravos, vassallos e soldados obedecem a fórmulas especiais, vazadas nos moldes da bajulação e da sabujice, quando fazem suas súplicas e petições. Os filhos usam para com os pais linguagem simples e familiar, como se vê na oração dominical.

Da paternidade de Deus decorre a fraternidade e a igualdade dos homens. Sem igualdade não há justiça; sem fraternidade não há misericórdia.

Da ideia de Deus, como rei e como senhor, se origina a vassalagem e a hipocrisia, ou então a revolta e a descrença.

Onde, na atualidade, o credo que sustenta, à luz da razão e da lógica, os atributos de Deus como Pai da Humanidade? — Com esse está o espírito do Cristianismo.

